

HISTÓRIA E CULTURAS

APONTAMENTOS SOBRE O USO DE *MEMES* COMO FONTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: (RE) PENSANDO A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914-1918)

Lorena Danielle Santos¹
Ivana Veloso de Almeida²

Resumo: Na nossa sociedade contemporânea midiaticizada os *memes* surgiram não só enquanto um novo gênero textual, mas também como fenômeno de comunicação. Em meio a essas transformações o ambiente escolar passou a incorporá-los no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. O presente artigo tem como objetivo discutir alguns apontamentos teóricos-metodológicos para o uso didático dos *memes* no ensino de História. Recortamos como tema o contexto da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e apresentamos uma análise histórica tomando como fonte dois *memes* selecionados para esse propósito. Por fim, realizamos uma revisão bibliográfica pertinente ao tema e ressaltamos a nossa intenção em contribuir com os debates que problematizam sobre os desafios do ensino de História na atualidade.

Palavras-Chave: História. Educação. *Memes*.

Abstract: In our contemporary mediaticized society, memes have emerged not only as a new textual genre, but also as a communication phenomenon. In the midst of these transformations, the school environment started to incorporate them in the students' teaching-learning process. This article aims to discuss some theoretical-methodological notes for the didactic use of memes in the teaching of History. We cut the context of the First World War (1914 - 1918) as a theme and present a historical analysis based on two memes selected for this purpose. Finally, we carried out a bibliographic review pertinent to the theme and we emphasize our intention to contribute to the debates that problematize the challenges of teaching history today.

Keywords: History. Education. Memes.

RECEBIDO: 29/05/2019

APROVADO: 10/08/2019

Introdução

Este trabalho trata de apresentar apontamentos teórico-metodológicos sobre o processo de ensino-aprendizagem da História, a partir do uso de *memes* na sala de aula. Para tanto, recortamos

¹ Mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES; Bolsista FAPEMIG.

² Mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES; Bolsista CAPES.

* Contato: lorenadanielleadm@hotmail.com; yvavelosoalmeyda@gmail.com;

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro – Av. Prof. Rui Braga, s/n – Vila Mauriceia, Montes Claros/MG, 39401-089.

Telefone: (38) 3229-8318

HISTÓRIA E CULTURAS

como tema o contexto histórico da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que é uma matéria estudada pelo 9º ano do Ensino Fundamental, conforme o nosso Currículo Básico Comum (CBC). Nosso objetivo é o de compreender a representação desse período através dos *memes*, bem como pensá-los criticamente em seus usos e funções para o ensino da disciplina histórica. De acordo com a experiência enquanto docentes de História, sabemos que em sala de aula, esse é um dos assuntos que mais empolgam os alunos, devido ao interesse em conhecer e debater sobre esse evento mundial contemporâneo tão apresentado em nossa sociedade, sobretudo pelos meios audiovisuais como os filmes, músicas e, em razão das redes sociais na internet, os *memes* que também são considerados atualmente como um fenômeno de comunicação. Quanto à definição do que de fato é um *meme*, nos alinhamos com o autor Luiz Felipe Fernandes Neves que assim explica:

Mensagens bem-humoradas em texto, foto e/ou vídeo, geralmente constituídas por montagens grosseiras, aspecto intencionalmente amador e conteúdo sucessivamente parodiado/ modificado/ reconstruído, são compartilhadas rapidamente entre um grande número de pessoas, configurando o que hoje se entende por *meme de internet*. O simples fato de chamar a atenção de um público vasto e variado bastou para que o meme passasse a ser apropriado com fins mercadológicos, institucionais, políticos, entre outros, em uma época em que a palavra engajamento parece dominar as ações dos profissionais de comunicação (grifos do autor).³

Considerando, portanto, que a nossa estrutura educacional, assim como a própria História, cada vez mais tem sido objeto de reflexões e transformações em razão da exigência da permanente atualização, propomos, junto de outros estudiosos, discutir a incorporação dessa fonte e linguagem no Ensino de História. Contudo, ressaltamos que, dentro do campo da História, só foi a partir do início do século XX que se tornou possível um novo tipo de abordagem, métodos, fontes e mesmo de objetos a serem investigados.

Foram os franceses Marc Bloch e Lucien Febvre que, ao fundarem a revista *Les Annales d' Histoire Économique et Sociale* em 1929, provocaram uma renovação historiográfica que rompia com o modelo da História Tradicional do século XIX. Esses historiadores defenderam uma história-problema, articulada a outras disciplinas, que explorasse além do político a articulação entre os tempos passado e presente.

Enquanto a escola historicista considerava a prática historiográfica, em um percurso cientificista, desvinculada do presente, Lucien Febvre convida o historiador a inspirar-se nos problemas colocados pelo tempo presente, no qual ele vive, pensa e escreve. A interrogação do passado a partir do presente tem para os *Annales* valor

³ NEVES, Luiz Felipe Fernandes. *Mememes como estratégia de comunicação organizacional: relacionamento e produção de sentidos de universidades federais brasileiras no Facebook*. 2019. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019, p. 13.

HISTÓRIA E CULTURAS

heurístico. A história é "uma resposta a perguntas que o homem de hoje necessariamente se põe". O presente ajuda a pesquisa do passado e permite valorizar uma história-problema e enriquecer o conhecimento do passado. A partir desse valor heurístico do presente, os *Annales* defendem uma concepção relativista do discurso histórico, pois devido ao fato de a história estar mergulhada em seu tempo e imersa nos problemas do presente, temos como resultado uma construção do tempo histórico, dos clarões, dos recortes cujos limites são aqueles mesmos que permitiram as pesquisas.⁴

A partir de 1970, os *Annales* da terceira geração passaram a enfatizar os estudos sobre o simbólico e foi nesse momento que emergiu o campo de uma nova história, isto é, da História Cultural muito próxima dos estudos antropológicos com o objetivo de tratar das questões do cotidiano social. Nesse cenário, conseqüentemente, houve uma ampliação da noção de fonte para a pesquisa histórica que, para além dos textos, passou a abarcar documentos não verbais, como a imagem em pinturas, fotografias, cinema e etc. bem como os *memes*, que foram incorporados pelos historiadores da atualidade.

Já no que se refere ao campo da educação, nomeadamente ao campo do Ensino de História no Brasil, as transformações também foram regra, sendo que as décadas de 1960-1980 foram marcadas por um tecnicismo que visava formar os alunos para atender a demanda de uma organização social oriunda do governo ditatorial civil-militar (1964 – 1985). Além disso,

com a implantação da ditadura em 1964, os representantes do novo regime de governo pretendiam transformar o Brasil até então predominantemente agrário em um país industrializado, desenvolvido. Perceberam que para realizarem suas intenções era necessário aumentar o grau de escolaridade da população, sem no entanto, aumentar a procura pelo já sufocado ensino superior. A fórmula encontrada para evitar esse aumento da demanda foi adotar a partir de 1969 a exigência do vestibular para que houvesse o ingresso na Universidade.⁵

Nesse contexto, toda a educação passou pelo crivo ideário da segurança nacional, de modo que ocorreu intensa perseguição às pessoas de pensamento crítico que, em algum grau, ousaram questionar esse regime. Assim, foi promulgada a Lei 5692/71 estabelecendo a disciplina de Estudos Sociais para substituir as disciplinas de Geografia e de História, bem como implementou licenciaturas curtas para a formação de professores em ciências humanas no período de um ano e meio “ visto ser o professor supostamente o detentor do saber, seria necessário atacar justamente sua formação, tirando-lhe, a capacidade de contestação”.⁶

⁴ DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Edusc, 1994, p. 63.

⁵ PLAZZA, Rosimary; PRIORI, Angelo. O Ensino de História durante a Ditadura Militar. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/956-4.pdf>. Acesso em: 30 dez./2014, p. 07.

⁶ Ibidem, p. 09.

HISTÓRIA E CULTURAS

No período de redemocratização houve o retorno da História e da Geografia compondo as Ciências Humanas, que agora lutavam para transformar a sociedade pós-ditadura. Já a década de 1990 foi marcada por um redirecionamento da educação nacional que se voltou para a finalidade de formar alunos aptos para atender as demandas de um mercado de trabalho, agora, com ares globais.

Nos dias atuais ainda é notório o esforço contínuo da disciplina de História em formar alunos, enquanto agentes históricos pensantes e críticos, voltados para transformar a nossa sociedade. A isso também se deve a atualização dos seus métodos e abordagens na pesquisa e no ensino. E ninguém melhor do que o educador Paulo Freire foi capaz de traduzir tão bem esse ideário:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.⁷

Posto isso, faremos a seguir uma discussão histórica sobre o termo *meme* com o objetivo de compreendermos seu significado e as suas funções na atualidade. Além disso, através de uma revisão bibliográfica discutiremos aspectos teórico-metodológicos que servem de orientação para os professores de História quanto à incorporação dessa nova fonte e linguagem no ensino.

O *meme* e o ensino de História

O advento e desenvolvimento da internet, bem como a expansão da inclusão digital, agregaram um novo sentido ao termo comunicação. Mensagens são enviadas e recebidas em velocidade praticamente instantânea, independente da distância entre remetente e destinatário. O acesso às mídias digitais proporcionou também novos métodos de se expressar, como as redes sociais, seja postando um texto, uma opinião, comentando ou compartilhando uma opinião alheia, publicando uma foto, vídeo, etc. Em meio a esta grande acessibilidade e velocidade de troca de informações, surgiu o que pode ser considerado como um novo gênero textual, o *meme*.⁸

O *meme* está se tornando, cada vez mais, um instrumento metodológico para estudos em várias áreas, principalmente das ciências humanas e sociais. Na atual sociedade em que vivemos, ele

⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 30.

⁸ SOUSA, Johnatan Gonçalves de; LIMA, Isabely Custódio; OLIVEIRA, Henrique Pinho. *O uso de memes como ferramenta de ensino-aprendizagem: uma proposta metodológica*. In: Conexão Fаметro 2018 - Fortaleza/CE, 2018. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/conexaofametro2018/trabalho/68920>. Acesso em: 28 fev./2020.

HISTÓRIA E CULTURAS

continua ganhando considerável destaque, em razão da sua principal característica, isto é, a carga viral que faz com que sua mensagem seja compartilhada repetidas vezes pelos internautas, e é isso que demonstra toda a sua força enquanto ferramenta de interação social.

A partir destes vieses, como já mencionado na introdução deste trabalho, o nosso objetivo central é o de refletir sobre o uso dos *memes* na sala de aula como uma fonte histórica. Sendo que, com os devidos cuidados didáticos e metodológicos, a sua utilização prontamente enriquece as aulas e desperta o entusiasmo dos alunos para conhecerem a história.

Porém, é fundamental que, ao trabalharmos com essa ferramenta, estejamos cientes sobre seu surgimento e sua definição. Nessa lógica, o termo *meme* foi abordado pela primeira vez por um pesquisador chamado Richard Dawkins, através de seu livro *Gene Egoísta* (1976)⁹, para especificar a uma unidade de replicação, de modo semelhante ao do papel na qual é exercida pelos genes na evolução biológica, onde assim, seriam os responsáveis pelas mudanças de uma denominada cultura.

O cerne da teoria do egoísmo dos genes parte do pressuposto de que nós, os seres vivos, somos máquinas criadas por eles, somos um mecanismo complexo projetado para a sua sobrevivência. Assim, graças a nós, as máquinas, essas unidades genéticas foram capazes de sobreviver em um mundo competitivo por anos, capacidade essa que Dawkins atribui a uma qualidade que ele sustenta ser predominante nos genes: o egoísmo. Nesse sentido, ainda que os genes cultivem, em algumas circunstâncias especiais, certa forma limitada de altruísmo, no fim, suas ações são realizadas para que eles consigam atingir seus objetivos egoístas.¹⁰

Para as autoras Denise Cavalcanti e Rita Lepre (2018)¹¹, no artigo intitulado *Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de História*, o *meme* pode ser considerado como sendo um gênero textual da era digital, na qual se popularizou nos últimos anos em todo o mundo, em que se manifestaram e manifestam de maneiras diversas no *ciberespaço*.

A partir desta percepção, o *meme* é definido por Susan Blackmore (2000)¹², e pelo próprio Richard Dawkins (1976)¹³ como passível de imitação, nas quais é passado sucessivamente, ganhado vida própria e repercussão, por isso o termo verbalização, um termo bastante atual no contexto das transições dos *memes*.

A viralização dos *memes*, indiscutivelmente tem, pela contribuição da sua carga humorística, uma considerável força. O fato de serem engraçados fortalece nos internautas o desejo

⁹ DAWKINS, Richard. *O Gene Egoísta*. Trad. Geraldo Florsheim, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1978.

¹⁰ HORTA, Natália Botelho. *O meme como linguagem da internet: Uma perspectiva semiótica*. 2015. 191fl. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

¹¹ CAVALCANTI, Denise P. Rocha; LEPRE, Rita M. Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de história. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias, São Paulo, UFSCar, 2018. *Anais...* Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/746/597>. Acesso em: 11 maio/2020.

¹² BLACKMORE, Susan. *The Meme Machine*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.

¹³ DAWKINS, Richard. *O Gene Egoísta*. Trad. Geraldo Florsheim, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1978.

HISTÓRIA E CULTURAS

de compartilhá-los em suas redes sociais com outras pessoas. Sabe-se que, na qualidade de recurso de comunicação, o humor tem sido, desde há muito, utilizado principalmente pela propaganda publicitária que, ciente da atuação do humor na esfera emocional dos consumidores, o usa para o propósito de vender. Mas é possível utilizarmos os *memes* também como recurso de comunicação nas escolas. Pensando-os como instrumento didático na sala de aula, Cavalcanti e Lepre (2018) mencionaram que:

Quando analisamos os *memes* publicados pelos internautas nas redes sociais, em especial no *Facebook*, notamos que criar táticas que intencionalmente permitam com que os alunos se enxerguem como agentes que interagem o tempo todo com o discurso midiático, é potencialmente uma estratégia de tornar nossos estudantes mais compromissados e ligados à escola à qual pertencem. É também uma via para que o docente penetre em seu imaginário e, assim, busque um diálogo com o alunado, estreitando vínculos sólidos de parceria.¹⁴

Assim sendo, as autoras seguem pontuando que o *meme* pode ser capaz de se mostrar por intermédio de uma reprodução caricaturada, ou que seja do nosso cotidiano, tanto os costumes como a cultura, as crenças, a política e as demais reproduções do social. Para tanto, eles podem servir de análise de formatação representativa, em que se determina noções de comportamento e moralidade a partir de um referencial. Propor a análise e a criação de *memes* com temas relacionados aos fatos históricos, inserindo-os nas práticas educativas, pode contribuir para uma aprendizagem mais concreta e com maior apreensão da realidade.

Em linhas gerais, compreende-se que o *meme* pode ser utilizado em diversos momentos na sala de aula, sobretudo na disciplina de História. Uma vez que, além de serem demasiadamente utilizados pelas redes sociais, agem como estímulo para as discussões sobre os mais variados temas da História, como a Primeira Guerra Mundial, se apresentando didaticamente como instrumento passível de críticas e aprendizagem. Ainda com relação ao uso das novas tecnologias no ambiente escolar, Luisa Quarti Lamarão (2019) em seu artigo *O Uso dos Memes nas Aulas de História* assim salientou:

(...) o uso das tecnologias a qualquer preço, apenas pelo fato de usá-las, não correspondem ao propósito esperado. Deve-se entender seu significado para aquele a quem se quer atingir e torná-lo parte integrante do processo de aprendizagem. Em outras palavras: o protagonismo deve ser do/a aluno/a. De nada adianta apresentar

¹⁴ CAVALCANTI, Denise P. Rocha; LEPRE, Rita M. Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de história. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias, São Paulo, UFSCar, 2018. *Anais...* Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/746/597>. Acesso em: 11 maio/2020.

HISTÓRIA E CULTURAS

as mais avançadas tecnologias de comunicação se aquilo não fizer sentido para o aluno e ele não se sentir parte daquela construção.¹⁵

Feito esse alerta, a autora prossegue argumentando que esse novo espaço de comunicação e interação foi criado pela rede mundial de computadores, que promoveu o desenvolvimento de uma cultura social própria dessa nova realidade, a *cibercultura*, que, por sua vez, trouxe significativas mudanças nas relações individuais. Também refletindo sobre a utilização dos *memes* na sala de aula, Johnatan Sousa, Isabely Lima e Henrique Oliveira (2018) trouxeram importantes questionamentos: “Poderiam os *memes* serem usados no ensino-aprendizagem? De que forma isso poderia ser feito?”.¹⁶ Em resposta, os autores salientam que é muito comum que professores e educadores estejam sempre em busca de novos métodos alternativos e dinâmicos de transmitir e construir conhecimento e muitos desses métodos introduzem o discente como colaborador ativo na construção do conhecimento.

De acordo com o ponto de vista dos citados autores, concordamos que a prática educativa a partir dos *memes* pode despertar o interesse do educando a diferentes tipos de leitura, ampliando seu campo de interesses, desenvolvendo, inclusive, sua criticidade. Pelo exposto essa prática pode ser considerada bastante positiva e propícia, visto que possibilita a todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, de modo eficiente e didático, uma maior facilidade quanto à aquisição do conhecimento.

Ademais, Lamarão (2019) definiu o *ciberespaço* como não possuidor de lugar fixo, bem como as informações contidas nele, e ambos estão sempre presentes em nosso cotidiano, independentemente de sua localização. Estabelece-se, assim, uma nova relação de tempo e espaço. A partir disso, a autora nos trouxe essa indagação: “Onde o professor se encaixa nessa abstração, sendo ele em tese o promotor do conhecimento?”¹⁷ e argumentou que, mais uma vez percebe-se a obsolescência da chamada pedagogia da transmissão. Não há mais transmissores e receptores; há circulação e construção de conhecimento. Os educadores surgem menos como “líderes” do que como mediadores.

Recordamos aqui Paulo Freire, que em 1996 publicou a obra *Pedagogia da Autonomia*¹⁸, para explicar sobre o ato de ensinar que, para ele e para nós, consiste por parte dos educadores em criar as condições para que próprio educando construa e produza o conhecimento. Mas ainda

¹⁵ LAMARÃO, Luisa Quarti. O uso de *memes* nas aulas de história. *Educação, Cultura & Comunicação*, v. 11, n. 1, p. 179-192, jan./abr. 2019, p. 182-183.

¹⁶ SOUSA, Johnatan Gonçalves de; LIMA, Isabely Custódio; OLIVEIRA, Henrique Pinho. *O uso de memes como ferramenta de ensino-aprendizagem: uma proposta metodológica*. In: Conexão Fаметro 2018 - Fortaleza/CE, 2018. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/conexaofametro2018/trabalho/68920>. Acesso em: 28 fev./2020, p. 02.

¹⁷ LAMARÃO, Luisa Quarti. O uso de *memes* nas aulas de história. *Educação, Cultura & Comunicação*, v. 11, n. 1, p. 179-192, jan./abr. 2019, p. 183.

¹⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HISTÓRIA E CULTURAS

discutindo sobre o *ciberespaço*, Lamarão segue dizendo que este permitiu que a produção de conteúdo se multiplicasse e destacou:

A comunicação, presente agora em todos os espaços e momentos da vida, não se faz mais apenas por profissionais da área, mas também por amadores (das mais variadas idades), que veem naquele cenário a oportunidade de compartilhar rapidamente suas produções. Assim, ele consome e produz conteúdo – muitas vezes ao mesmo tempo – que pode ser uma foto, um texto, um desenho, um vídeo. *Informação*. E como transformá-lo em *conhecimento*? (grifos da autora).¹⁹

Respondendo a inquietação, entende-se que os *memes* são conteúdos compartilhados por usuários da internet e que possuem por vezes caráter crítico ou também um baixo nível de informação, contendo uma dose de humor, chegam até as pessoas de maneira viral. Nesses termos, Juliana Araújo (2012) traz em seu texto importantes posicionamentos e reflexões acerca da maneira de como os *memes* são reproduzidos:

Os *memes* não são somente reproduzidos, mas sim reelaborados de acordo com a situação e o contexto social vivido pelo sujeito. É um processo criativo de receber e dar sentido a essas formas contextualizando-as, ou seja, cada indivíduo utiliza o sentido do *meme* e o ressignifica continuamente em cada replicação a fim de compartilhar novos enunciados e adquirir um determinado capital social.²⁰

Por fim, os *memes* nos possibilitam enxergar uma outra maneira de pensar a prática pedagógica no ensino de História, abrindo caminhos que permitem explorar, de novas maneiras, os conteúdos educacionais. Uma última questão importante ressaltada por Cavalcanti e Lepre (2018)²¹, quanto à utilização dos *memes* na sala de aula, é que apesar da grande popularização desse gênero textual, antes de incluí-lo como recurso didático, é importante conversar com a turma sobre o que é considerado um *meme* hoje e quais são suas finalidades. Após essas reflexões o professor pode, então, partir para a análise dos *memes* que ele selecionou previamente em alinhamento com os objetivos do seu plano de aula.

(Re) pensando a Primeira Guerra Mundial por meio dos *memes*

¹⁹ LAMARÃO, Luisa Quarti. O uso de *memes* nas aulas de história. *Educação, Cultura & Comunicação*, v. 11, n. 1, p. 179-192, jan./abr. 2019, p. 183.

²⁰ ARAÚJO, Juliana Xavier de. *Mememes: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics*. 2012. 86fl. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012, p. 17.

²¹ CAVALCANTI, Denise P. Rocha; LEPRE, Rita M. Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de história. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias, São Paulo, UFSCar, 2018. *Anais...* Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/746/597>. Acesso em: 11 maio/2020.

HISTÓRIA E CULTURAS

Para demonstrarmos a função didática dos *memes* e o seu uso no ensino de História, recortamos como tema a Primeira Guerra Mundial, que ocorreu entre 1914 e 1918, caracterizada pelas guerras de massa e o declínio ocidental. Esse assunto, a partir do nosso CBC, como já dissemos, é trabalhado com o 9º ano do Ensino Fundamental e tem o objetivo de explicar para os alunos os motivos que fizeram eclodir tal conflito, considerando o contexto das rivalidades entre as potências da Europa.

Dentro do arsenal de *memes* que já existe sobre o assunto fizemos um recorte selecionando duas postagens com imagens que trazem conteúdo expresso na linguagem verbal e não verbal. Sendo a primeira tematizando as rivalidades das potências europeias no contexto que possibilitou a eclosão do conflito e a segunda postagem que tem como mote a participação do Brasil nessa guerra. Ambas foram postadas no Facebook em uma página denominada *História nas redes sociais*, que é aberta a todo o público e, como próprio nome já adianta, tinha o objetivo de trazer conteúdos históricos no *ciberespaço*. A página, contudo, não está mais online, entretanto os *memes* foram salvos em um período anterior e devidamente referenciados. Vejamos abaixo o primeiro deles:

HISTÓRIA E CULTURAS



Figura 1: Sobre as principais razões para a eclosão da Primeira Guerra Mundial. **Fonte:** <<https://www.facebook.com/historianasredessociais/photos/a.1855848481343522.1073741852.1641722582756114/1855848571343513/?type=3&theater>>. Acesso em: 20 jun./2017.

Como dito, a imagem acima aborda sobre as condições de emergência da Primeira Guerra Mundial. Sabe-se que a Europa estava vivendo um período de paz acompanhado por um acentuado crescimento econômico que, por isso mesmo, tornou-se conhecido como sendo a “bela época” (*Belle Époque*). Para Mèrche, foi em 1871 que se iniciou esse período “na segunda fase da Revolução Industrial – iniciada aproximadamente na década de 1850 –, França e Alemanha assinaram o Tratado de Frankfurt que permitiu um novo período de paz entre as potências europeias”²² e que se perdeu em 1914, quando começou a Primeira Guerra Mundial. O destaque cultural do continente europeu era francês e sua influência se espalhou pelo mundo inteiro. A série de reformas pelas quais passou Paris fez com que ela se tornasse a renomada *Cidade Luz*. Havia coletivamente o sentimento de

²² MÈRCHER, Leonardo. Belle Époque Francesa: a percepção do novo feminino na joalheria Art Nouveau. VI Simpósio Nacional de História Cultural, Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2012. *Anais...* Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VISimpósio/anais/Leonardo%20Mercher.pdf> . Acesso em: 11 maio/2020, p. 01.

HISTÓRIA E CULTURAS

euforia causado pelos frutos da ocorrida revolução científico-tecnológica. Popularizam-se os cartões-postais, a arte e a literatura.²³

A dinâmica da economia, nesse momento, pode ser notada, entre outros aspectos enumerados pelo historiador Hobsbawm (2011)²⁴, por ter se tornado mais pluralista com a inclusão de novos países, apesar do comando britânico. Também pela transformação do mercado de bens de consumo, que passou a produzir serviços e produtos em larga escala para atender a massa e até mesmo em razão do rápido crescimento, privado e público, do setor terciário da economia. Estimulou-se todo o comércio, sobretudo com a prática de vendas a prazo que atingiu a população de pequena renda.

Em uma aula expositiva e com o *meme* exposto para todos os alunos, recomendamos que seja essa a parte do processo histórico que deve ser trabalhada pelo professor ao enfatizar, conforme a figura 1, a postagem que foi feita pelo perfil da Europa que compartilhou, no Facebook, com seus amigos tais pensamentos:

As luzes brilham, a prosperidade sorri e o desenvolvimento cresce. Que Belle Époque para se viver. Tudo está tão belo, duvido que algum conflito em âmbito mundial possa destruir o continente e mergulha-lo em uma crise que levará a ascensão de regimes totalitários. Deve ser paranoia minha kkkkkk.

Junto dessa mensagem, o perfil Europa, utilizando-se da ferramenta de emoções²⁵ da rede social, expôs que estava “sentindo-se muito feliz”. É certo que a Europa viva uma euforia em relação ao progresso que se intensificou, inclusive, a partir da segunda metade do século XIX, com a descoberta da eletricidade, em especial, com o aprimoramento da lâmpada incandescente. No final desse século, o destaque mundial em desenvolvimento elétrico pertencia aos EUA, que no ano de 1859 descobriram petróleo e abriram caminho para a utilização dele como fonte energética, que posteriormente fez emergir a indústria de automóveis. Foi nesse cenário que houve um *boom* de invenções como, por exemplo, a criação da linha de estrada de ferro, a turbina de água, o motor a gás, o telefone, o fonógrafo e a locomotiva elétrica.²⁶

Quanto aos comentários que seguem a postagem da Europa, foram feitos pelos perfis do Império Alemão, Reino da Itália, Inglaterra e França, que deixaram pela ferramenta de emoções a informação de estarem com raiva. Pode-se questionar, previamente, aos alunos o motivo pelo qual os países imperialistas estavam “bolados” naquele momento; o que eles entendem por imperialismo; o que vem à mente quando ouvem a palavra colonização e as razões pelas quais ocorrem a colonização.

²³ ALVES, Vânia Maria Siqueira. *História Contemporânea I*. Montes Claros: Unimontes, 2012.

²⁴ HOBBSAWM, Eric. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

²⁵ As reações do Facebook permitem aos usuários dessa rede social expressarem suas emoções a respeito de determinado conteúdo publicado.

²⁶ ALVES, Vânia Maria Siqueira. *História Contemporânea I*. Montes Claros: Unimontes, 2012.

HISTÓRIA E CULTURAS

O primeiro perfil amigo do Facebook que comentou a postagem foi o do Império Alemão, que assim escreveu em caixa alta: “AE Inglaterra, NÃO ACHA QUE TEM COLONIAIS DEMAIS NA ÁFRICA NÃO?”. Por essa mensagem, percebe-se que Império Alemão expressa seu descontentamento com a Inglaterra não só pelo uso das letras maiúsculas, mas também pelo questionamento que soa como provocação. É sabido que, nesse contexto histórico, quanto mais economia alemã se fortalecia mais a rivalidade com a Inglaterra aumentava.

O fato é que existia uma competição entre os países europeus pela África para abastecerem financeiramente seus impérios. Entre 1800 a 1880, o continente africano foi repartido por esses países. A Alemanha, por exemplo, só entrou na disputa pela colonização na década de 1880, bem como outras novas potências também o fizeram. A tensão e a rivalidade estavam muito fortes entre esses países, que até chegaram a se reunir visando um acordo sobre as questões de ocupação desses territórios.

O Reino da Itália fez um comentário no do Império Alemão, concordando com o questionamento que foi feito. Em seguida, a Inglaterra responde: “Primeiro tu para de roubar meus mercados que a gente conversa”. A esse respeito, a professora Vânia Alves explica que “os conflitos e tensões entre os países europeus, inicialmente França e Grã-Bretanha e mais tarde Itália, pela ocupação do norte da África começaram pelo Egito e Argélia, abrangendo mais tarde a Tunísia e a Tripolitânia”.²⁷

Por sua vez, a França comenta o seguinte: “Império Alemão, sua maldita, devolve meus territórios”. É preciso retomar o fato histórico que reflete o que o perfil da França emitiu. A referência é feita aos os territórios da Alsácia e da Lorena que foram pagos como indenização à Alemanha, que venceu a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) e, por fim, unificou seu território. Ou seja, havia após 1870, por parte da França, o sentimento de vingança junto do objetivo de recuperar seus territórios que foram perdidos para a Alemanha. A resposta do perfil do Império Alemão aos referidos xingamento e provocação é pautada em toda confiança dessa nação em si mesma, que triunfou no último embate com os franceses, que está evidente na frase: “(...) o Grande Império Alemão triunfará”. Portanto, é por isso que o revanchismo francês é considerado como uma das causas da eclosão da Primeira Guerra Mundial e assim deve ser trabalhado pelo professor.

O exato período entre 1875 e 1914, antecessor da Primeira Guerra Mundial, é definido pelo historiador Hobsbawm (1995)²⁸ como “A Era dos Impérios”, porque para ele foi o momento auge em que muitos governantes se autodenominavam “imperadores” ou mesmo eram assim reconhecidos por outros diplomatas do Ocidente. Esse novo tipo de imperialismo dividiu a maior

²⁷ ALVES, Vânia Maria Siqueira. *História Contemporânea I*. Montes Claros: Unimontes, 2012, p. 72.

²⁸ HOBBSAWM, Eric. *A era dos Impérios*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

HISTÓRIA E CULTURAS

parte do mundo para que fosse governado pelo pequeno grupo de países mais “avançados”, tais como Grã-Bretanha, França, Alemanha, EUA e Japão. Para trabalhar com os alunos a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial selecionamos o *meme* a seguir:



Figura 2: O Brasil durante a Primeira Guerra Mundial. **Fonte:**

<<https://www.facebook.com/historianasredessociais/photos/a.1855848481343522.1073741852.1641722582756114/1855849308010106/?type=3&theater>>. Acesso em: 29 jun./2017.

Em relação à Guerra Mundial iniciada no ano de 1914, protagonizada de um lado pelo bloco da Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália, que mais tarde romperia com a Alemanha) e pelo outro lado, com o bloco da Tríplice Entente (Inglaterra, Rússia e França), o governo brasileiro oficialmente discursou sobre manter uma postura de neutralidade e por causa disso sofreu restrições comerciais por parte dos países europeus, com quem mantinha parcerias. Foi esse fato que fortaleceu os laços, inclusive não só do Brasil, mas também de outras nações na América, com os Estados Unidos que estavam, inclusive, com sua economia revigorada e crescente desde o

HISTÓRIA E CULTURAS

fim do século XIX, por causa do estímulo à indústria armamentista e ainda pelos empréstimos aos países envolvidos nesse conflito mundial.²⁹

Entretanto, muitos setores da sociedade brasileira, em especial os intelectuais, debatiam cada vez mais sobre esse conflito, principalmente nos aspectos relacionados a nacionalidade e barbárie, bem como debatiam sobre a repercussão da guerra e atuação do Brasil.

Muitos desses intelectuais tinham natural simpatia pela cultura francesa e, de uma forma geral, a maioria das pessoas dos grandes centros urbanos também nutria simpatia pela causa francesa, graças à ação dos jornais (TAVARES, 1979). Foram poucos os que se colocaram ao lado dos alemães. Um dos maiores defensores dos aliados foi o crítico literário José Veríssimo, em outros casos houve os discordantes como foi o caso do ministro das Relações Exteriores Lauro Muller que era a favor da Alemanha, sobretudo por ser descendente de alemães, fato que o levou a deixar a pasta das relações exteriores, sendo substituído por Nilo Peçanha, mais afinado com os Estados Unidos (BUENO, 2003, p. 460). A guerra na Europa já vinha estimulando as discussões de espírito nacionalista, e desde 1916, o poeta Olavo Bilac lançou-se à organização de uma entidade chamada “Liga de Defesa Nacional” cujo caráter era cívico-patriótico e lutava pela implantação do serviço militar obrigatório e pela participação do Brasil no conflito (ARAÚJO, 2014, p. 319).³⁰

A divergência de opiniões era grande e, portanto, havia uma divisão entre as figuras que apoiavam os Aliados, os que preferiam a conduta de neutralidade e os “germanófilos”, do lado dos alemães. Em 1915, contudo, foi fundada por José Veríssimo, Nestor Victor e Olavo Bilac a *Liga Brasileira pelos Aliados*, que declarou oficialmente apoio às nações da Tríplice Entente. Sobre sua atuação, Livia Pires escreve que “promovia-se festas, exposições e eventos, divulgando a causa aliada e atacando a atuação alemã na guerra, com a presença de artistas e intelectuais oriundos dos países aliados”.³¹

Foi em 1917 que o Brasil rompeu a neutralidade, após os vapores brasileiros sofrerem diversos ataques de submarinos alemães. O apoio brasileiro foi dado à Rússia, França, Grã-Bretanha, Japão, Portugal e Itália. Enquanto nação beligerante, a participação do Brasil consistiu no envio de uma divisão naval, do transporte de guerra Belmonte, de oficiais aviadores e também com apoio médico.

Assim, esse conteúdo pode também ser abordado em aula expositiva através do *meme* acima (figura 2), colocado para turma por meio do equipamento data show. O referido *meme* trata de

²⁹ CANCELLI, Vitoria. *Macarthismo, ficção científica e indústria de armas: os efeitos de uma íntima relação*. 1994. 223fl. Tese (Doutorado em História Econômica) - Programa de Pós Graduação da FFLCH/USP, São Paulo, 1994.

³⁰ ARAÚJO, Johny Santana de. “A guerra que vai acabar com todas as guerras”: o Brasil na Primeira Grande Guerra – a mobilização da sociedade e o engajamento da Marinha – 1917 – 1918. *História: Debates e Tendências*, v. 14, n. 2, 2014, p. 318-333.

³¹ PIRES, Livia Claro. A Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011. *Anais...* Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856588_3f5386b0f9b7a41a71fb62dc5af0aee7.pdf. Acesso em 14 maio/2020.

HISTÓRIA E CULTURAS

um post situado no Twitter, rede social que por vezes é entendida pelos usuários como sendo uma espécie de microblog - espaço de comunicação e interação social. Analisando a imagem, vemos uma série de postagens do perfil Brasil com *hashtags*³² que narraram sobre sua atuação na Primeira Guerra Mundial.

No primeiro post, tem-se essa mensagem: “Enviando Assistência Médica para passar merthiolate na tríplice entente” onde é demonstrado o apoio brasileiro com o envio de médicos-cirurgiões e suas equipes para as forças aliadas. Esses dizeres ainda contam com uma referência bem-humorada da série estadunidense *Everybody Hates Chris*, via personagem Rochelle, que para todo tipo de machucado/doença dos filhos recorria ao remédio *merthiolate*. Com certeza, aparece como estratégia de humor para chamar atenção, pois a constar: essa série de comédia foi e continua sendo - majoritariamente entre os adolescentes - um sucesso no Brasil.

Em seguida, tem outro post que diz: “Dando um rolê no Atlântico para fazer patrulhamento”; onde podemos destacar a notável capacidade naval brasileira que, em razão dos esforços de guerra, foi prontamente empregada para patrulhar o Atlântico Sul, permitindo que os EUA focassem em outros esforços. Além de explorar a participação dos outros países sul-americanos e sua neutralidade, tal como foi o caso do Chile e Paraguai.

Os três últimos posts fazem referência ao episódio ocorrido, especificamente em novembro de 1918, em Gibraltar (um território ultramarino britânico, localizado na costa sul da Espanha), isto é, uma batalha que ficou conhecida como a Batalha das Toninhas. O Brasil estava envolvido e agiu contra o inimigo, como o quarto post do perfil Brasil quis demonstrar ao escrever em caixa alta: “MEU DEUS DO CÉU SUBMARINOS ALEMÃES MAAAAAAAAAAAAAAAAATA”. Por fim, no último enunciado verbal, temos a mensagem: “Ah, eram só toninhas, hue”. Transparece a sensação de alívio enfatizada pelo texto “#meenganei”. Não houve confronto. Mas, indiscutivelmente, há o relato sobre esses animais marinhos que o Brasil e outra nações também dizimaram. A vida marinha também foi muito dizimada por esse conflito. Nesse caso, a toninha é uma espécie de águas rasas e é também um dos menores mamíferos dos oceanos.

Considerações finais

O objetivo desse artigo foi de trazer alguns apontamentos teórico-metodológicos sobre o processo de ensino-aprendizagem da História através do uso dos *memes* enquanto ferramenta didática.

³² Termo conhecido pelo símbolo #, está relacionado a palavras centrais de uma determinada informação ou discussão, como forma de atingir seus objetivos e de também facilitar o acesso às postagens de acordo com as *tags* descritas.

HISTÓRIA E CULTURAS

Para demonstrar essa outra função dos *memes*, dentro do ambiente escolar, recortamos como tema a Primeira Guerra Mundial, que por si só já é um assunto de interesse da maioria dos estudantes, conforme já foi dito. Entretanto, ressaltamos que ainda há um considerável número de alunos em nossa sociedade que não gosta da disciplina de História por pensar que se trata de decorar datas, de aprender só sobre o passado junto dos seus eventos mais importantes. Certamente que isso não é verdadeiro, mas também é o grande desafio para os professores, que buscam superar esse tipo de mentalidade e ajudar desenvolver a consciência crítica e autonomia dos educandos. Contudo, sabemos que é preciso cuidar para que a incorporação dessas novas fontes e linguagens não seja aplicada de forma engessada.

Vivemos em uma sociedade midiaticizada. O tempo todo somos cercados por sons e imagens que influenciam na nossa conduta, nas nossas visões de mundo e até na nossa própria identidade. É nesse cenário que o *meme* emergiu enquanto novo fenômeno de comunicação, como já demonstramos, e a prática educativa não pode estar alheia a isso. Os professores de História, em especial, devem estar cientes dessa nova realidade.

Por fim, os educandos, ao desenvolverem plenamente sua consciência histórica, compreenderão também, através da referida proposta de metodologia, como os *memes* são também testemunhos da História e trazem representações que revelam os modos sobre como nós, agentes históricos, estamos lendo e agindo em nossa época.